

# Pedras lançadas

## Em busca de uma psicanálise reconhecível, mas nova<sup>1</sup>

Simone Hurtado Bianchi Sanches,<sup>2</sup> Ribeirão Preto

**Resumo:** Este trabalho utiliza o referencial da psicanálise contemporânea, considerando que a mente não é uma estrutura fixa, mas criada indefinidamente, à medida que ganha vida nas experiências. Nesse sentido, enquanto nossa mente se movimenta e se transforma na atividade clínica, há uma psicanálise original sendo criada também? Escolhi ilustrar essas ideias a partir do atendimento de crianças e adolescentes, cujos exemplos permitem registros mais concretos da relação dinâmica entre mundo psíquico, transformação e ação no mundo. Assim, eu mesma fiz alguns movimentos arriscados, descritos como pedras lançadas em busca de uma psicanálise reconhecível, mas nova. Relato três situações (contato com analistas reconhecidos, envio de caixa lúdica durante o lockdown e oferecimento da sala de atendimento como espaço de investigação) que ajudam a ilustrar o interjogo complexo e interligado entre realidade e subjetividade.

**Palavras-chave:** psicanálise, criatividade, conflito estético, ontologia

### Mente que se move

Este texto tem como objetivo apresentar o dinamismo que marca o atendimento clínico, sob uma perspectiva da psicanálise contemporânea. Para fundamentar essa perspectiva, tomo como base o referencial contemporâneo de que a mente não é uma estrutura fixa e concluída, mas sim é criada indefinidamente, à medida que ganha vida nas experiências (Ogden, 2020b). Faço uma correspondência entre esse modelo e o funcionamento mental multidimensional (Bion, 1965/2004b). É uma visão complexa, que inclui o desafio de lidar com a instabilidade constante de “sistemas que mudam

1 Artigo escrito a partir de oficinas de escrita e discussão sobre a formação psicanalítica. Texto adaptado para submissão em resposta à carta convite com o tema “O psicanalista possível”.

2 Membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

o tempo todo, adentrando o campo da imprevisibilidade e da incerteza” (Marques, 2023, p. 114).

Seguindo esse raciocínio, qual transformação fazemos da psicanálise, mantendo-a reconhecível, mas nova? Essa questão se estenderia à nossa própria estrutura psíquica, que se expande e se transforma, ainda que a gente continue a reconhecer nossa essência, observando os elementos mais estáveis de nossa personalidade (Bion, 1963/2004a).

Certamente, me apoio no estudo dos autores e das teorias clássicas, pioneiros no interesse pelo funcionamento psíquico, cujas contribuições permitiram estabelecer bases consistentes em nosso trabalho, sem as quais nenhum avanço seria possível. Ao mesmo tempo, recorro a uma concepção que faz parte da premissa da própria psicanálise, alicerçada desde o início na busca pela autenticidade, pela verdade e pelo novo, estando, ela mesma, sujeita a alterações (Ferro & Nicole, 2017).

A psicanálise ... acha-se sempre incompleta  
e sempre pronta a corrigir ou modificar suas teorias. ...  
ela deixa a definição mais precisa ... aos resultados do trabalho futuro  
(Freud, 1923/1976, p. 307)

Apresento, a seguir, uma questão que tenho considerado como matéria-prima em meu trabalho clínico. Embora de difícil definição, esse ponto central poderia ser descrito como um interesse não apenas pela maneira original e única com que uma pessoa guarda e processa o mundo, mas também pelo deslocamento (e uma espécie de ação) gerado com base nisso, possibilitando que alguém imprima sua subjetividade no mundo também. Em outras palavras: quais impressões o mundo nos causa e que impressões a gente gera no mundo?

Assim, gradativamente, vamos nos afastando da compreensão da mente como algo a ser conhecido e passamos a ter um desafio de construir algo ainda inexistente (como uma espécie de engenharia). Estamos, portanto, diante da difícil e apaixonante tarefa de mudar a perspectiva da mente, de estática a dinâmica, de “substantivo a verbo” (Ogden, 2020b, p. 24).

Esse dinamismo que caracteriza uma mente ativa e investigativa é também uma base importante da experiência estética, que descreve a “psicanálise como ciência inspirada” (Williams, 2018, p. 66). A valorização da

inspiração nesse modelo destaca o vigor experimentado nos momentos em que uma “ideia nova começa a pressionar sobre a mente” (Williams, 2018, p. 45). O conflito estético, portanto, valoriza a vitalidade que uma nova descoberta proporciona.

Recentemente, conheci o termo “imagineering”, numa criativa junção das palavras “imaginação” e “engenharia”. Há, com esse título, uma série, disponível por streaming, relatando o trabalho interdisciplinar que mistura engenharia, tecnologia e arte na criação das atrações em parques de diversão, especialmente no que se refere à possibilidade de experiências tridimensionais. O que chamou minha atenção foi a apresentação de como uma ideia é capaz de contagiar e movimentar a criação de algo que até então havia sido apenas conjecturado, imaginado.

Escolhi ilustrar essas ideias com base no atendimento de crianças e adolescentes, cujos exemplos mais “tangíveis” permitem registros mais concretos, que podem nos ajudar a visualizar esse interjogo dinâmico entre mundo psíquico e a ação no mundo.

## **A experiência clínica cotidiana**

Ao longo de um dia de atendimento, é comum que eu escreva notas breves, de momentos que ganharam alguma relevância em mim. Podem ser situações fortes e emocionantes ou simples e corriqueiras, mas que compartilham a força de me mover a registrá-las. Provocam, assim, uma espécie de alteração subjetiva não só em mim, mas, muitas vezes, no andamento do encontro analítico.

Podem acontecer, por exemplo, quando registro a confusão no olhar de um adolescente que se assustou com as fotos encontradas no celular do pai, ou ainda quando uma jovem descobre as condições em que o irmão foi adotado. Uma criança que canta ou dança comigo. Uma jovem que entra em contato muitos anos após uma avaliação, buscando respostas a respeito de quem ela mesma foi um dia. Um paciente adolescente que some e pode estar em risco. Um medo. Flashes de mudança e encontro.

E assim, nesses instantes, eu quase “visualizo” o mundo sendo guardado. Provavelmente cada analista tenha sua própria maneira de identificar esse momento em que há uma mudança essencial no jogo entre realidade externa e intimidade psíquica.

O que desperta interesse é a maneira com a qual percebo que cada pessoa faz esse movimento: esse cotidiano comum sendo metamorfoseado em onírico, acompanhando uma personalidade em formação permanente. É como se eu fosse convocada a interceptar o ídesníveli dessa passagem misteriosa do externo ao psíquico, motivada por essa questão que sempre me fascinou: como o mundo se torna subjetivo e cabe dentro da gente?

A complexidade está no fato de que essa experiência é também bilateral e capaz de estimular áreas novas das mentes de ambos, minha e a do paciente. Estamos, simultaneamente, com nossas mentes sendo (re)criadas. De certa forma, nesses momentos fica evidente como nossa função se aproxima de um “jogo que se sustenta pela instabilidade” (Trachtenberg, 2013, p. 58), por sua característica intersubjetiva e em permanente transformação.

Proponho, então, uma questão em dupla perspectiva: ao longo de nossa atividade clínica, de que forma a psicanálise ajuda nossa mente a ser expandida e desdobrada, uma vez que ela está em movimento? Há, nesse interjogo, uma psicanálise original sendo criada também?

Pessoalmente, considero que a função analítica exige uma espécie de prontidão, uma disposição para valorizar a percepção e seguir em frente, sem recuar. Talvez, por isso mesmo, seja frequente que um dos pontos que me chamam a atenção ao ler os textos de Bion se refere ao que identifico como agilidade da mente, em especial na escolha de um caminho de investigação. Assim, em suas obras, por mais que haja uma ênfase na disciplina do analista para o método rigoroso de exercício de seu ofício, vejo a proposta de que isso se faça a partir de “uma mente experiente e rápida” (Bion, 1977/1981, p. 128). Diante dos diversos caminhos que temos, com todas as possibilidades abertas, quais são então as escolhas e movimentos que fazemos?

### **Mente que se move, corpo que se desloca: todas as possibilidades, nenhuma garantia**

*O papel do analista, em outras palavras, é um papel que envolve o uso de ideias transitivas ou ideias em trânsito*  
(Bion, 1977/1981, p. 126)

Gostaria de relatar uma experiência pessoal, de quando deparei com a escultura David, de Michelangelo.<sup>3</sup> O que captou completamente meu olhar

3 Essa escultura, de 1504, encontra-se no Museu da Accademia, em Florença, Itália.

foi a pedra segurada na mão menos visível, quase escondida, na parte de trás da escultura. Nela está a tensão que antecede a ação. De acordo com a artista plástica Laura Aidar, trata-se de uma obra com “ação em pausa”. Fiquei impactada com o registro desse instante de incerteza, a pedra ainda não lançada, o risco do movimento ainda potencial, sem nenhuma garantia de êxito.

De certa forma, é diante desses momentos que exigem decisões seguras, ainda que imprecisas (lançar ou não a pedra, aqui equivalendo a avançar ou recuar), que localizo essa mente descrita como dinâmica, fortalecida pelas ideias transitivas (Bion, 1977/1981; Chuster, 2021). É na cesura, na sinapse, na região da fenda, que as possibilidades de avanço estão abertas: “atruvessar cesuras requer iniciativa, cujo binômio é a inibição” (Assis, 2023, p. 171). De alguma forma, é nesse instante breve, mas intenso, que sinto estar em contato com essa psicanálise viva, que consegue manter meu interesse e que vem sendo construída por mim também.

A consciência artística tem que encontrar um caminho entre as tensões, as ligações, os espaços “entre”, os buracos no conhecimento já existente. Estes podem captar algum aspecto de verdade se puderem escapar da vigilância do controle consciente e do senso comum. (Williams, 2018, p. 43)

A seguir, relato três situações que hoje reconheço como exemplos de “pedras lançadas” por mim ao longo de minha formação, nessa construção incessante de analista possível a cada momento. Foram elas: a iniciativa de entrar em contato com analistas reconhecidos, a decisão de enviar uma caixa de brinquedos durante a pandemia e o oferecimento da sala de atendimento como um espaço de estímulo à investigação. Cada uma delas será descrita com mais informações a seguir.

Considero que essas iniciativas tenham sido expressões de “deslocamentos” uma vez que exigiram (e, ao mesmo tempo, foram resultantes dela) movimentação da minha própria mente. Poderiam, de certa forma, como na grade de Bion, ser exemplos de um uso ativo dos pensamentos, ou seja, quando se “age sob a influência deles” (Grotstein, 2010, p. 248).

## A primeira pedra lançada: minha busca por interlocutores

*existe uma terceira parte na vida do indivíduo,  
parte essa que não podemos ignorar,  
uma região intermediária da experimentação,  
para a qual contribuem tanto a realidade interna,  
quanto a vida externa.*

(Winnicott, 1951/2000, p. 318)

Diante das inquietações com essas questões, eu mesma fiz um primeiro movimento arriscado, buscando me corresponder com analistas que admiro. Certamente, não sem hesitar. Após uma oficina de escrita coordenada por Claudio Eizirik, escrevi uma carta para ele, que ficou guardada e não foi enviada. No mesmo período, escrevi também um e-mail ao Thomas Ogden, que, evidentemente, ficou também arquivado nos rascunhos das caixas de mensagens, como uma espécie de conversa imaginada.

Reconheci, nesse impulso de escrita, o vigor provocado por ideias que estimulam iniciativas. De certa forma, essa disposição poderia ser incluída como exemplo de “audácia cotidiana” (Quinodoz, citado por Brunacci, 2020), uma disponibilidade para “entrar no jogo” para decidir entre enfrentar ou evitar os desafios presentes em nosso trabalho, cotidianamente.

Assim, em algum momento, impelida pela força que essa ideia secreta ganhou em minha mente, enviei o e-mail ao Ogden. Precisava tentar, porque lia seus textos, e eles me estimulavam a pensar no meu encantamento com a psicanálise ontológica na clínica e questionava de que maneira isso poderia provocar transformações também na formação psicanalítica. Era isso. Ao receber sua resposta, encorajando minhas ideias, fui invadida por emoções vibrantes, que foram disruptivas em meu dia.

Apenas no dia seguinte consegui agradecer, pelo impacto que a força daquelas palavras precisas teve em mim. Como se a pergunta “que tipo de pessoa você gostaria de ser?” (Ogden, 2020a, p. 24) inclísse também um desdobramento sobre o tipo de analista que temos potencialidade para nos tornar. Nas breves mensagens que recebi de retorno do Ogden, reconheci exatamente a atitude que ele descreve em seus textos: me estimulou a publicar minhas ideias, mas sem facilitar o trabalho que dependeria de mim. Assim, cada frase de sua resposta revelava a força viva das palavras escolhidas, como ele descreve em seu livro “leituras criativas”, sendo fonte de

estímulo para o meu “trabalho a fazer” (“work to do”; Ogden, 2014, p. 22) e me provocando algum tipo de deslocamento.

Algum tempo depois de receber a resposta do Ogden, participei de um novo evento em que escutei novamente o Claudio Eizirik, com admiração. Decidi então enviar um e-mail com a carta arquivada, escrita originalmente para ele. A carta foi respondida com gentileza e encorajamento. Minha admiração profissional ganhou acréscimo por sua postura humana e pelo interesse que encontrei nessa troca. Em nossas correspondências, me chamou a atenção sua abertura a iniciativas criativas de transmissão da psicanálise. Da mesma forma, em seus textos, Eizirik corajosamente aborda o risco de nos atermos a formalidades que não deveriam se sobrepor aos indicadores de mudança no psiquismo, estes sim mais indicativos do desenvolvimento de uma identidade analítica própria (Eizirik, 2021).

De certa forma, lançar pedras com miras tão altas tinha uma função que eu mesma desconhecia, mas hoje reconheço como fundamental para que eu pudesse prosseguir com minha investigação. Eu precisava buscar por um parâmetro a respeito das direções possíveis com minhas próprias ideias. Fazer um movimento de busca até esses autores foi uma maneira de avaliar se haveria alguma mensagem “arremessada” de volta, sinalizando que eu havia sido escutada e que reconheciam, em meus questionamentos, um caminho que mereceria ser trilhado.

Esse é o “jogo” que encontrei até aqui como forma de estimular essa área intermediária (externo-interno) proposta por Winnicott e já tão conhecida no trabalho clínico. Para mim, é isso que faz a mente se lançar (e, muitas vezes, o corpo se deslocar).

A seguir, relato aspectos de meu trabalho clínico com crianças e adolescentes, em que reconheço haver marcas dessa relação dinâmica entre a realidade objetiva e a subjetiva, que se encontram interligadas (Ogden, 2014).

## As caixas de brinquedo

Brinquedos clássicos usados na ludoterapia (animais, bonecos, carrinhos, utensílios) ainda estão presentes no atendimento clínico das crianças. Contudo, as caixas de brinquedos são vivas, dinâmicas, pessoais e, já há algum tempo, têm ganhado acréscimos (Silva, 2017; Gutfreind, 2022), não apenas com os eletrônicos trazidos para a sala, mas também com outros

elementos, como álbuns, figurinhas, cards, kits para fazer pulseiras, jogos, adesivos, telas de pintura etc.

Esses acréscimos são feitos não só pelas próprias crianças, mas também com novos materiais disponibilizados/criados pelo analista e, principalmente, pela dupla. Inserem-se aí, até mesmo, a abertura ao uso de materiais menos estruturados (potes de plástico, slimes, funil, bolinhas que crescem na água, glitter, espumas etc.), que facilitam a aproximação aos estados mentais mais desorganizados ou a experiências mentais anteriores à linguagem.

Como exemplo clínico, destaco um pote com “espuma”, deixado por uma criança, para ser guardado até nossa próxima sessão, com a frase “volto dia 18”. Ele anexou também um clip e um palito, ambos presos por um durex, quase como forma de buscar alguma garantia de segurança nesse conteúdo tão frágil e disperso, e, ao mesmo tempo, tão intrigante e mágico, como a espuma de sabão.

Entre infinitas possibilidades de caminhos para discutir esse material clínico, escolho representar esse exemplo da seguinte maneira:

espuma + pote, palito e clips + data da próxima sessão =  
elementos dispersos da mente + continência e elementos de ligação + expectativa de reencontro.

Assim, nesse caso, o pote de espuma poderia, em algum nível, ser também um recipiente contendo esforços de construção de intimidade psíquica e confiança no reencontro. De alguma maneira, um exemplo como esse ajuda a visualizar como o trabalho clínico lida com o que há de mais valioso (e também provisório e vulnerável) no mundo psíquico, aquele universo absolutamente único e particular, oferecido para permanecer sob nosso cuidado. A questão é que, considerando o modelo estético, nada disso precisa ser explicado (Ungar, 2015), mas intuído, descoberto, imaginado e vivido, evitando-se o “perigo de tentar explicar os mistérios da mente” (Williams, 2018, p. 36).

O bonito e importante é que experiências como essas, vividas com regularidade e frequência, ajudam a criança na expansão de seu mundo psíquico, uma vez que, tal como o trabalho de “imagineering” apresentado no início deste texto, estamos aqui nessa tarefa de integrar imaginação e construção. Nesse caso, o que está em construção é exatamente o mundo

subjetivo, tão fundamental por ser o ponto de partida (arcaico e prosaico) do que nos constitui, gradativamente, como humanos (Gutfreind, 2022). É assim que as nossas mentes vão sendo vitalizadas. Silva (2017) destaca trabalhos preciosos que auxiliam crianças nessa experiência fundamental de se encantarem pelo humano, descobrindo “que o mundo é interessante” (p. 73). Há um campo imenso de interesse nesse tema tão importante.

## **A segunda pedra lançada: a entrega de caixas**

Em meio a essas tantas inovações que eu mesma estava vivendo no atendimento de crianças, um novo desafio se apresentou com a chegada da pandemia. Como tantos analistas, fui impactada pela necessidade de adaptar os atendimentos on-line, buscando maneiras de seguir com o trabalho clínico.

Naquele momento, uma ideia persistente surgiu em minha mente, acompanhada de uma pergunta solitária e incômoda (isso é “permitido” pela psicanálise?). A ideia era enviar uma encomenda para cada criança e adolescente que eu atendia. Existia um desejo, seguido de uma tomada de decisão, que envolvia entrar em contato com os pais, solicitar endereço e autorização para entrega. Era realmente aquele período inicial de lockdown, em que ainda não se dispunha de conhecimento teórico nem técnico para essa mudança na prática clínica; mais do que isso, era um momento em que até sair de casa era sentido como um risco. Decidi ir em frente.

Cada uma das caixas foi acompanhada de uma pasta (ajudando a criar um local para que eles “guardassem as nossas coisas”) com material gráfico e uma carta minha, escrita especialmente para cada um deles. Coloquei também algum brinquedo que fosse parecido com o estilo específico de cada criança (uma bola para um, um bichinho de pelúcia para outra, palitinho, bexiga, um quebra-cabeça ou ainda canetas coloridas, por exemplo). Não tinha ideia precisa do que aquilo significava. Mas era genuíno e forte e, portanto, ético e necessário.

As respostas às minhas dúvidas sobre essa iniciativa, encontrei no retorno que recebi das próprias crianças:

“Muita saudade... fazia muito tempo que eu não recebia uma encomenda pra mim” – disse-me, em uma mensagem emocionante de agradecimento, um dos pacientes que recebeu a caixa.

Outra criança, mais nova, extremamente sensível e inteligente, que não queria fazer o atendimento on-line até então, aceitou uma sessão on-line para me agradecer pela caixa recebida. Quando finalmente nos vimos, perguntei a ele sobre esse período em que estava em casa (de quarentena). Ele me disse que tinha vontade de gritar e depois saiu pela casa para me mostrar o pôr-do-sol. Contou que gostava do nascer do sol, do pôr-do-sol e, em seguida, passou a falar alguma coisa sobre a galáxia e o espaço sideral. Começou a fazer de conta que me “passava” coisas pela tela. E eu passei a “receber” esses envios, do meu lado. Os objetos (que obviamente não eram os mesmos, de cada lado da tela) eram imaginados como iguais, mas estariam diferentes por terem passado por todo esse “espaço” até chegar a mim.

Não sei como definir o que é a psicanálise, mas reconheço quando ela acontece, em momentos como esse. Meu pequeno paciente também me deu sinais de que sentia a força desse encontro, que, possivelmente, também o estava ajudando a processar tantas mudanças. Nesse dia, antes de desligar, fez um desenho da gente, incluindo “raios de energia”, e me disse: “Vou desenhar a energia que tá fazendo”. Com isso, me sinalizou que, ainda que abstrata, a força de nosso encontro era quase palpável, “desenhável”. É essa força, que transforma matéria em energia (e vice-versa), que tem me fascinado conhecer.

### **A terceira pedra lançada: a sala de atendimento como convite à investigação**

Sabemos que crianças e adolescentes se deslocam pela sala, mudando os móveis de lugar, construindo cenários e demandando nossa movimentação para acompanhá-los. De alguma forma, passada a pandemia, com o retorno dos atendimentos presenciais, me chamou a atenção a intensificação dessa exploração, como se a sala inteira se tornasse também fonte de estímulo e investigação.

Esse ponto é também relatado por Krüger (2023), que descreve a importância da sala de atendimento como “casa receptiva”: “toda a sala do analista e toda a gama de brinquedos e materiais gráficos ofertados na sala de atendimento são tomados em sua maleabilidade brincante” (p. 297).

Minha tendência foi de observar esse acontecimento e oferecer liberdade para que as crianças fizessem essas explorações e sinalizassem seus interesses. Gradativamente, fui acompanhando a expressão da curiosidade

de cada criança nessa exploração. Assim, entraram em cena com mais frequência objetos de “fora da caixa lúdica”, oferecidos e usados com mais liberdade, como se estivéssemos “brincando e construindo espaços lúdicos” (Gutfreind, 2022, prefácio).

Destaco, por exemplo, uma experiência em que o interesse de uma criança por ferramentas favoreceu o uso de materiais incomuns (parafusadeira, rodinhas, parafusos e madeiras) para consertar uma mesinha da sala de atendimento. Esse exemplo lembra, quase literalmente, a brincadeira proposta por Gutfreind (2022), comparando as diferenças entre o analista de crianças e o profissional “faz tudo” que consegue um conserto eficaz, trabalhando com poucas ferramentas. Esse autor também aborda como, no momento do encontro, estão em evidência o ritmo, a intuição, a criatividade e a reinvenção da técnica.

Os exemplos que tenho priorizado aqui, enfatizando a exploração livre e feita em parceria, permitem ilustrar como os itens da sala podem adquirir a qualidade de objetos estéticos, “contendo segredos a serem possuídos” (Williams, 2018, p. 38): a exploração do umidificador (que algumas crianças abrem para observar a água sair, trocam a cor da luz, transformam em vulcão, por exemplo), a impressora ou a máquina de café com seus mecanismos e sons e até mesmo a curiosidade com a caixa de fósforos e as velas acendidas por eles, enfim, uma variedade de estímulos simples, transformando-se em fonte de interesse e encanto pela satisfação da surpresa e descoberta. Nesses momentos, a mente recebe um estímulo vigoroso com a “sensação de novidade” que acompanha a imaginação e a construção da relação com o mundo (Williams, 2018, p. 52).

Não tenho dúvidas de que a tão conhecida afirmação segundo a qual o setting principal é interno permanece fundamental. É clássica a concepção de enquadre interno, proposto por Green (2012) e destacado por diversos autores (Ungar, 2015), como indicativo de nossa função analítica. Esses exemplos mostram como a mente do analista pode ajudar a criar um clima de abertura e convite à exploração curiosa do mundo.

Assim, quando temos a segurança desse “lugar mental” (Ferro, 2019, p. 250) como espécie de eixo interno, podemos pensar de que forma isso possa ser traduzido também em aspectos concretos do setting. Dito de outra maneira, é como se, em algum nível, o externo fosse também organizado para estimular essa movimentação intrigante entre subjetividade e realidade.

Nesse sentido, a liberdade na utilização da sala e até mesmo do divã é descrita de forma franca e estimulante por Ferro (2019). Krüger (2023) também destaca o uso “não clássico” (p. 296) do divã, que participa da narrativa das crianças que brincam com ele, transformando-o em barco, castelo ou qualquer outro elemento que ajude a compor o cenário do jogo em questão.

É também frequente, na prática clínica, que algumas crianças, especialmente as mais novas, considerem o consultório como o lugar em que moramos. Além disso, percebo que esse ambiente, explorado como “minicasa”, facilita que circulem com mais soltura, para, por exemplo, pegar água no filtro ou lavar coisas na pia. Curiosamente, tenho um pequeno paciente que me pede, frequentemente, para tomar um cafezinho ou comer alguma coisa, enquanto, simultaneamente, vamos conversando, nesse espaço favorecedor do encontro e do contato humano. A questão é que meu tempo também ganha uma qualidade rítmica mais feliz enquanto estou trabalhando assim.

As pessoas veem o tempo a passar, enquanto nós vemos o tempo a parar.

Num segundo, uma eternidade.

(Cruz, 2023, p. 51)

Um outro exemplo que ilustra a integração externo-interno foi a criação de um espaço para ser usado de forma descontraída e confortável, especialmente pelos adolescentes. Respeitei também o fato de que me sinto à vontade para trabalhar nesse modelo ou nesse tipo de espaço, sem formalidades.

Assim, meu “novo setting” incluiu, além dos móveis clássicos (divã e poltronas, que, evidentemente, permanecem presentes), um banco embaixo da janela, com almofadas, encosto, mesa de apoio e materiais gráficos sempre à mão. Rapidamente, esse espaço se tornou um dos lugares favoritos da sala, possibilitando que a gente desenhe, escreva ou jogue enquanto conversa. Claro que isso já acontecia antes, na mesa convencional. Mas estar com eles no banco é semelhante a sentar no chão como uma criança, ou seja, é uma maneira concreta de sinalizar que sei como é gostoso para um adolescente encontrar um espaço intermediário (simbólica e literalmente – entre o chão da criança e a poltrona ou divã do adulto) que ofereça guarida, quase como um refúgio. A ideia é favorecer uma atmosfera de convivência, até mesmo na postura relaxada do corpo, um clima que geralmente a gente encontra em áreas livres e abertas.

Para mim, pensar sobre a “arquitetura da psicanálise” refere-se a essa busca por um ambiente que combine com esse tempo de ritmo intermediário, em que há um certo “desarme”, uma condição que permita repouso, tão essencial para uma restauração da vitalidade humana (Han, 2015) e para um encontro mais espontâneo.

De alguma forma, as ideias apresentadas aqui indicam também a beleza e o mistério do próprio método psicanalítico, como propõe o modelo estético (Williams, 2018). Sob esse ponto de vista, há uma valorização da inspiração e da imaginação, que podem arejar a vida mental, uma vez que o “homem está perpetuamente procurando a próxima ‘ideia’ para alimentar sua mente e realizar sua natureza” (p. 52, grifos meus). Procurei relatar aqui exatamente o processo que percorri ao ser impactada por ideias que nasceram da experiência clínica.

## Considerações finais

### Como o mundo cabe na gente? Como o imaterial volta para o mundo?

*Está fermentando e  
fervilhando em mim.*

(Freud, 1897, em carta para Fliess,  
abordando o impulso para seguir adiante,  
em comentário citado por Gay, 1989)

*Invariâncias são uma marca de reconhecimento.*  
(Sandler, 2021, p. 476)

Sabemos que os precursores e autores clássicos estarão sempre presentes como alicerces estruturantes de nossa formação. De certa forma, eles mantêm permanentemente uma função de repertório intuitivo que serve de eixo diante dos desafios contemporâneos. Conhecemos também condições mínimas que cada um de nós precisa para exercer a psicanálise, e é fundamental que elas sejam definidas e respeitadas (Ogden, 2005). Certamente, há também condições éticas inegociáveis. Garantidas essas condições, há, para cada analista, esse desafio de combinar a tradição necessária, aliada à liberdade de pensamento.

Em algum nível, este texto pode, à primeira vista, favorecer uma visão de superfície, como se estivesse centralizado na ação e no ambiente externo. Por isso, volto a enfatizar que a proposição principal apresentada neste trabalho

é exatamente a ampliação dessa perspectiva, ou seja, considerar o interjogo realidade-subjetividade em toda a sua complexidade e em múltiplas direções.

Meltzer (1971/1997), em seu texto sobre os ateliês psicanalíticos, valoriza a maneira pessoal com que cada analista faz uso do método e da teoria. Mantive a escrita deste texto apoiada no reconhecimento da importância de autores que, como ele, registraram algumas dessas inquietações. Reconheço que ganho perspectiva, ao procurar por interlocução.

De certa forma, a psicanálise sempre se ocupou desse jogo realidade-subjetividade, numa tentativa incessante de captação do momento em que o mundo é guardado, ganhando encantamento ao ser convertido em mistério psíquico. O que proponho aqui é valorizar o interesse no que acontece depois, ou seja, em como essa matéria que ganhou energia psíquica pode voltar transformada ao mundo novamente? É com esse, e só com esse, movimento que há possibilidade de imprimirmos nossa mente no mundo. É uma espécie de “atitude diante da vida” (Marques, 2023).

É assim que uma psicanálise viva e original pode ser construída, em resposta ao entusiasmo decorrente de uma descoberta que nasce da clínica e tenta encontrar maneiras de expressão no mundo. Isso, inevitavelmente, nos torna também mais confiantes no potencial de transformação e crescimento psíquico das crianças e adolescentes que temos recebido. Um analista de crianças e adolescentes está ajudando um mundo a ser criado e está sendo impactado também.

É mais frequente dizermos que o corpo necessita da alma para ser expressivo. Mas nem sempre é claro que a psique também precisa de uma base material que lhe permita ser “apresentada” ao mundo, por meio de movimento e deslocamento. E, assim, o corpo, tão essencial para o movimento e a construção da identidade de crianças e adolescentes, cumpriria uma função essencial de sustentação do psiquismo, para que este possa, enfim, ser revelado e impresso no mundo. Em outras palavras, é como se a realidade externa se convertesse em suporte, podendo estar a nosso favor, possibilitando que a gente encontre formas de construir e imprimir no mundo algo que possa traduzir a beleza e o impacto do onírico, anímico e imaterial.

A alma aproveita pra ser matéria e viver.  
(Antunes, Brown & Monte, 2009)

**Rocas lanzadas: en busca de un psicoanálisis reconocible, pero nuevo**

Resumen: Este trabajo utiliza las referencias del psicoanálisis contemporáneo y considera que la mente no es una estructura fija, sino que se crea indefinidamente, a medida que cobra vida en las experiencias. En este marco, mientras nuestra mente se mueve y se transforma en la actividad clínica, ¿hay también un psicoanálisis original que se crea? Elegí ilustrar estas ideas a partir de la atención a niños y adolescentes, cuyos ejemplos permiten registros más concretos de la relación dinámica entre el mundo psíquico, la transformación y la acción en el mundo. Luego, yo misma hice algunos movimientos arriesgados, descritos como rocas lanzadas en busca de un psicoanálisis reconocible, pero nuevo. Reporto tres situaciones (el contacto con analistas reconocidos, el envío de una caja lúdica durante el confinamiento y el ofrecimiento de la sala de atención como un espacio de investigación) que ayudaron a ilustrar el interjuego complejo e interconectado entre la realidad y la subjetividad.

Palabras clave: psicoanálisis, creatividad, conflicto estético, ontología

**Stone skipping: in search of a recognizable, but new psychoanalysis**

Abstract: This paper uses references from contemporary psychoanalysis. It understands the mind not as a fixed structure, but as indefinitely created as it gains life experience. While our mind moves and transforms itself during clinical activity, is there an original psychoanalysis being created as well? I chose to illustrate these ideas with children and adolescents care, since such examples allow more concrete records of the dynamic relationship among the psychic world, the transformation, and the action on the world. Therefore, I made some risky moves myself, described as thrown stones in search of a recognizable, but new psychoanalysis. I report three situations (contact with acknowledged analysts, shipment of a playful box during lockdown, and offering of an attention room as an investigation space) that help illustrate the complex and interconnected intergame between reality and subjectivity.

Keywords: psychoanalysis, creativity, aesthetic conflict, ontology

**Pierres jetées : à la recherche d'une psychanalyse reconnaissable, mais nouvelle**

Résumé : Ce travail utilise le référentiel de la psychanalyse contemporaine, considérant que l'esprit n'est pas une structure fixe, mais créé indéfiniment, au fur et à mesure qu'il prend vie dans les expériences. En ce sens, alors que

notre esprit se meut et se transforme dans l'activité clinique, une psychanalyse originale est-elle également en train de se créer? J'ai choisi d'illustrer ces idées à partir du suivi d'enfants et d'adolescents, dont les exemples permettent de rendre compte plus concrètement de la relation dynamique entre le monde psychique, la transformation et l'action dans le monde. J'ai ainsi moi-même fait quelques mouvements risqués, décrits comme des pierres jetées à la recherche d'une psychanalyse reconnaissable, mais nouvelle. Je rapporte trois situations (le contact avec des analystes reconnus, l'envoi d'une boîte de jeu durant le confinement et l'offre de la salle de consultation comme espace de recherche) qui permettent d'illustrer le jeu complexe et interconnecté entre réalité et subjectivité.

Mots-clés : psychanalyse, créativité, conflit esthétique, ontologie

## Referências

- Antunes, A., Brown, C. & Monte, M. (2009). A alma e a matéria. No álbum *Onde você mora*. EML.
- Assis, M. B. A. C. (2023). Turbulência emocional. In: Ribeiro (Org.). *Conceitos elementares da obra de W. R. Bion* (pp. 161-173). Blucher.
- Bion, W. R. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), 123-136. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (2004a). *Elementos de psicanálise*. Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2004b). *Transformações* (2ª ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Brunnacci, R. (2020). Essere psicoanalista: aperture e chiusure. Piccolo vocabolario di un'audacia quotidiana. *Rivista di Psicoanalisi*, LXVII, 1, 121-144.
- Chuster, A. (2021). Considerações sobre o vínculo K: transitando entre presente, passado e futuro. *Bergasse*, 19, XI(1): 69-71.
- Cruz, A. (2023). *Vamos comprar um poeta*. Dublinense.
- Eizirik, C. L. (2021). È possibile una trasmissione creativa della psicoanalisi? *Rivista di Psicoanalisi*, 67, 1, 145-159.
- Ferro, A. (2019). *Na sala de análise: emoções, relatos, transformações*. Blucher.
- Ferro, A. & Nicole, L. (2017). *Pensamientos de un psicoanalista irreverente. Guía para analistas y pacientes curiosos*. Gradiva.
- Freud, S. (1976). Dois verbetes de enciclopédia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18, pp. 287-307). Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

- Gay, P. (1989). *Freud: uma vida para nosso tempo*. Companhia das Letras.
- Green, A. (2012). André Green: a clínica contemporânea e o enquadre interno do analista. Entrevista realizada por F. Urribarri. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(3), 215-225.
- Grotstein, J. S. (2010). *Um facho de intensa escuridão: o legado de Wilfred Bion à psicanálise*. Artmed.
- Gutfreind, C. (2022). *A nova infância em análise*. Artmed.
- Han, B. (2015). *Sociedade do cansaço*. Vozes.
- Krüger, L. (2023). *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise*. Blucher.
- Marques, M. (2023). “Cesura”. In P. M. M. Ribeiro (Org.), *Conceitos elementares da obra de W. R. Bion* (pp. 175-186). Blucher.
- Marques, T. H. T. (2023). Teoria da complexidade e multidimensionalidade da mente. In P. M. M. Ribeiro (Org.), *Conceitos elementares da obra de W. R. Bion* (pp. 107-115). Blucher.
- Meltzer, D. (1997). Hacia un sistema de taller. In *Sinceridad y otros trabajos – obras escogidas de Donald Meltzer* (pp. 269-273). Patia. (Trabalho original publicado em 1971)
- Meltzer, D. & Williams, M. H. (1994). “A apreensão do belo”. In D. Meltzer & M. H. Williams, *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte* (pp. 19-25). Imago.
- Ogden, T. H. (2005). Do que eu não abriria mão. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 12(3), 403-415.
- Ogden, T. H. (2014). *Leituras criativas: ensaios sobre obras analíticas seminais*. Escuta.
- Ogden, T. H. (2020a). Psicanálise ontológica ou “o que você quer ser quando crescer?”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), 23-45.
- Ogden, T. H. (2020b). Rumo a uma forma revisada de pensamentos e prática psicanalíticos. A evolução da teoria analítica da mente. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(4), 23-46.
- Rocha, P. M. da (2012). Entrevista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(2), 17-27.
- Sandler, P. S. (2021). *A linguagem de Bion: um dicionário enciclopédico de conceitos*. Blucher.
- Silva, M. A. P. (2017). A caixa lúdica do analista: uma reflexão sobre as mudanças da teoria da técnica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(4), 71-88.
- Trachtenberg, R. (2013). Cesuras e des-cesuras: as fronteiras da(na) complexidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(2), 55-66.
- Ungar, V. (2015). O ofício de analista e sua caixa de ferramentas: a interpretação revisitada. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(1), 15-32.
- Williams, M. H. (2018). *O desenvolvimento estético: o espírito poético da psicanálise. Ensaio sobre Bion, Meltzer e Keats*. Blucher/Karnac.

Simone Hurtado Bianchi Sanches

Winnicott, D. W. (2000). Objetos transicionais e fenômenos transicionais.

In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (pp. 316-331). Imago. (Trabalho original publicado em 1951)

Simone Hurtado Bianchi Sanches

shbianchi@uol.com.br

Recebido em: 2/8/2024

Aceito em: 5/9/2024